

IMAGEM E MEMÓRIA COLETIVA DE EVA DUARTE PERÓN

Rosa Maria da Silva Faria

Doutoranda/UFRJ

RESUMO

Eva Duarte Perón, promoveu mudanças significativas na realidade de trabalhadores, mulheres e pobres, na Argentina. Como primeira-dama, uniu-se às classes populares atingindo notoriedade e magnitude no imaginário popular. O objetivo desta apresentação consiste em suscitar reflexões acerca da construção da memória popular de Eva Perón, cuja imagem segue sendo reivindicada positivamente por grupos sociais e políticos. Evita, como era e é reconhecida popularmente, tem sido relida e inserida em debates narrativos e culturais desde sua morte em 1952. A memória popular de Evita constituiu-se como um permanente emblema de lutas por reconhecimento de classe, gênero, direitos laborais e amparo social. Seu corpo se converteu em símbolo de reivindicação de igualdade de direitos para as classes populares, mulheres e postergados sociais. Segundo Maurice Halbwachs, a lembrança é produto de um processo coletivo inserido num contexto social determinado. Por meio do reconhecimento e da reconstrução, as lembranças retomam, não só, relações sociais, mas também ideias e sentimentos compartilhados. Para Halbwachs a função primordial da memória enquanto imagem partilhada do passado é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo.

Palavras-chave: Eva Perón, Imagem, Memória coletiva.

1.Introdução

O tema norteador deste ensaio incide sobre a reflexão do resgate da memória popular da primeira-dama Eva Duarte Perón, cuja imagem na Argentina contemporânea, segue sendo reivindicada positivamente por grupos sociais e políticos. Em outras palavras, Evita, como era e é conhecida popularmente, tem sido relida e inserida em debates narrativos e culturais desde sua morte em 1952. A lembrança consiste em reconstruir o passado com dados emprestados do presente, afirma Maurice Halbwachs (2003), logo a memória popular de Evita, constituiu-se como um permanente emblema de lutas por reconhecimento de classe, gênero, direitos trabalhistas e amparo social. Diante do exposto, recorreremos a

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

www.xicongressohispanistas.com.br
contato@xicongressohispanistas.com.br



Carolina Roole (2007) ao afirmar que Eva Perón pode ser lida como uma metáfora, como um significante que adquire diversos e contraditórios significados em âmbito social.

O corpo de Evita se converteu em símbolo de reivindicação de igualdade de direitos para as classes populares, mulheres e postergados sociais. De acordo com Maria Luisa Schmidt e Miguel Mahfoud (1993) em *Halbwachs: memória coletiva e experiência*, a lembrança é produto de um processo coletivo inserido num contexto social determinado. Por meio do reconhecimento e da reconstrução, as lembranças retomam, não só, relações sociais, mas também ideias e sentimentos compartilhados. Por isso, os autores afirmam que a memória resulta do reconhecimento e reconstrução que atualiza os “quadros sociais” nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si. “As lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2003, p. 30). Para Maurice Halbwachs (2003) a função primordial da memória enquanto imagem partilhada do passado é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base no seu passado coletivo.

Em um primeiro momento será feita uma ambientação social e política da Argentina, no período em que o governo peronista assume o poder e implementa mudanças que serão de suma importância para os rumos da participação das massas e dos trabalhadores na vida política, social e cultural argentina. Convém destacar que o recorte se concentra no governo peronista de 1946 a 1955¹, conhecido como primeiro peronismo, considerado de grande importância para a vida social e política da Argentina na década de 1940. Em seguida, serão suscitadas reflexões a respeito da consolidação e perpetuação da imagem e da memória da “personagem” Evita como representação de “identidade nacional” das massas, por meio de disputas narrativas literárias e cinematográficas.

2.Sobre o peronismo (1946 a 1955)

O aparecimento do peronismo na vida

¹Juan Domingo Perón foi um militar e político argentino, e presidente da Argentina por três mandatos: de 1946 a 1952, de 1952 a 1955 e de 1973 a 1974.

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



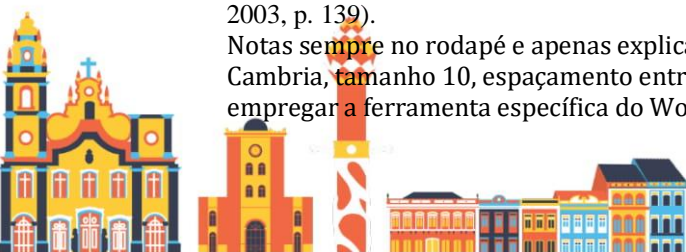
política nacional em meados da década de 1940 significou um forte impacto na sociedade, na medida em que promoveu mudanças substanciais à mesma. (PANELLA, 2003, p. 139)²

O projeto peronista começou a se organizar na Argentina quando, após o golpe militar de 14 de junho de 1943, o general Juan Domingo Perón passou a ocupar a Secretaria de Trabalho e Previdência Social. Neste cargo Perón se pôs como interlocutor dos sindicatos, justamente a categoria por onde começam as primeiras políticas definidas como “justiça social”. Em 1945, um golpe de Estado, engendrado por setores do exército adversos ao populismo de Perón e alarmados pelo poder que este começava a concentrar, foi destituído de seus cargos e enviado à prisão. Em 17 de outubro, uma greve geral é deflagrada pela CGT (Confederação Geral dos Trabalhadores) e uma imponente mobilização popular consegue libertá-lo.

A passagem da década de 1930 para 1940 na Argentina ficou marcada por significativas transformações políticas e sociais. Após a crise econômica de 30, as novas condições do mercado mundial, o enfraquecimento das atividades agropecuárias, as migrações populacionais do campo para a cidade, o crescimento urbano gerado por esse processo migratório e o processo de industrialização alteraram, consideravelmente, o perfil social. A presença da população oriunda do campo nos centros urbanos, possibilita-lhes um novo posicionamento social. Alocados nas “villas miséria” da periferia urbana e/ou invadindo espaços, até então, desvalorizados a população oriunda do interior do país imediatamente foi considerada uma ameaça à sociedade urbana. Nas palavras de Susana Bianchi, eles representavam o expoente de conflito e insubordinação social. Então, o peronismo, por meio da política redistributiva, denominada “justicia social”, com o objetivo de incorporar as classes sociais marginalizadas à sociedade urbana e de eliminar o potencial de ameaça social que representavam, criou alternativas de acesso a novas formas de vida para os grupos discriminados, atenuando as possibilidades de conflito, incluindo como beneficiários destas políticas a classe trabalhadora e as mulheres.

²La aparición del peronismo en la vida política nacional a mediados de la década de 1940 significó un fuerte impacto en la sociedad, en la medida que promovió cambios sustanciales en la misma. (PANELLA, 2003, p. 139).

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



Com a crise econômica de 1930, fazia-se necessária uma renovação social e política que atendesse às demandas do novo perfil da sociedade que começava a se formar na Argentina. Diante disso, o justicialismo peronista encontra um terreno fértil à medida que propõe participação social dos trabalhadores, atendimento às reivindicações trabalhistas e possibilidade de acesso a bens que as massas, até então, nunca haviam imaginado conseguir. As classes média e alta, que ocupavam historicamente as esferas de poder social e político, veem ameaçado seu lugar de comando, repressão social e poderio econômico.

Segundo Susana Rosano (2005) em *Rostros y máscaras de Eva Perón: imaginario populista y representaciones*,

o peronismo surgiu no país após um período marcado por uma sucessão de governos conservadores que, preocupados em defender os interesses das classes dominantes, não deram perspectiva à classe trabalhadora que surgia junto ao incipiente desenvolvimento industrial. As condições de trabalho eram desumanas e as ações políticas estavam marcadas por fraude e corrupção. Por outro lado, a interrupção do comércio exterior por causa das guerras mundiais favoreceu o desenvolvimento paulatino da indústria nacional que, diante do crescimento incipiente de uma nova burguesia, foi consolidando uma classe trabalhadora cada vez mais consciente e decidida em suas demandas por aumento de salário e melhores condições de trabalho. (ROSANO, 2005, p. 1-2)³.

Essa nova situação foi a base sobre a qual se estabeleceram as conquistas salariais e sociais do governo de Juan Domingo Perón. O surgimento do peronismo significou que, pela primeira vez na história do país, era conferido legalmente não só importantes reivindicações dos trabalhadores como também o acesso a direitos a que haviam sido privados pelos governos anteriores. Em outras palavras, “desde seu aparecimento no cenário argentino, o horizonte imaginário do peronismo deu

³el peronismo surgió en el país luego de un período marcado por una sucesión de gobiernos conservadores que, preocupados por defender los intereses de las clases dominantes, no dieron solución a una clase obrera que se iba gestando junto al incipiente desarrollo industrial. Las condiciones de trabajo eran inhumanas y las prácticas políticas estaban signadas por el fraude y la corrupción. Por otro lado, la interrupción del comercio exterior a causa de las guerras mundiales favoreció el desarrollo paulatino de la industria nacional que, a la par del crecimiento incipiente de una nueva burguesía, fue consolidando una clase obrera cada vez más consciente y decidida en sus demandas por aumento de salario y mejores condiciones de trabajo. (ROSANO, 2005, p. 1-2).

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



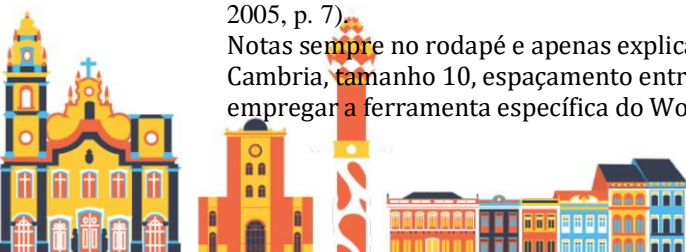
visibilidade não só ao projeto de construção da nação, mas também aos interstícios mais visíveis de sua cultura” (ROSANO, 2005, p. 7)⁴.

O projeto político de Perón de aproximação das massas se consolida quando se une à Maria Eva Duarte, que após o casamento passa a se chamar Eva Perón, a “Evita” para o povo argentino. Eva tomou como referência sua bastardia e origem pobre para aproximar-se dos trabalhadores e das massas, estabelecendo uma conexão destes com o governo e dessa aproximação com seus “descamisados” ou “grasitas” que se tornou conhecida como “Evita” ou “una mujer del pueblo”, como gostava de se autodeclarar. Para Juan José Sebreli em *Comediantes y mártires* (2009), ela uniu a política à cultura de massas pois se beneficiou do momento de desenvolvimento do crescimento da indústria cultural de massa (radio, cinema, revistas ilustradas, televisão) fazendo com que seu rosto se tornou conhecido pela multiplicação da imagem. De acordo com Beatriz Sarlo em *A paixão e a exceção. Borges, Eva Perón, Montoneros* (2005), a imagem de Evita foi uma construção do governo peronista. Perón utilizou sua personalidade passional e seus discursos inflamados como combustível para seduzir as massas, criando uma “ilusão de proximidade” para desempenhar com destreza o papel a que fora incumbida: ser a conexão entre as massas e o presidente Perón.

Em 1945 Perón se elegeu presidente e Eva, como primeira-dama, militou ativamente pelo voto feminino, organizando e fundando o Partido Peronista Feminino (PPF) e no campo social criou a Fundação Eva Perón, hospitais, lares de idosos e mães solteiras, policlínicos e escolas. Por meio da Fundação Eva Perón distribuía alimentos nas festas de fim de ano, socorria os necessitados, acolhia mulheres sem emprego e promovia torneios infantis e juvenis. Seu carisma e sua origem pobre facilitavam sua relação com as massas, que chamava de “descamisados” e “grasitas”. Morreu em 26 de julho de 1952, aos 33 anos, acometida por um câncer de útero e seu velório durou 14 dias. Em 21 de setembro de 1955, Perón é destituído do poder por um golpe militar e passa a viver exilado em Madrid.

⁴desde su aparición en el escenario argentino, el horizonte imaginario del peronismo tiñó no sólo el proyecto de construcción de la nación sino también los intersticios más visibles de su cultura” (ROSANO, 2005, p. 7).

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



Mas como essa relação de aproximação com as massas e esse “bem-estar” social refletiram na memória coletiva da Nação argentina? A seguir, serão apresentadas reflexões sobre a perpetuação da imagem e da presença de Evita em âmbito político, social e cultural e suas repercussões.

3. A construção narrativa da memória coletiva de Eva Perón

Evita foi uma criação que resultou em seu estereótipo eternizando-se em fotografias, documentários, imagens cinematográficas, no mito, nos discursos e no símbolo representado pela “múmia jovem” (JASINSKI, 2006, p.283).

Pós morte a figura de Evita se solidifica política, social e culturalmente na Argentina, convertendo-se por meio de inúmeras formas de manifestações culturais em um mito representativo da proposta política e aguerrida dos anos setenta, instigando produções que, baseadas em sua trajetória pessoal e política e em seu sepultamento, se estabeleceram como posicionamentos políticos e ideológicos. Os múltiplos olhares sobre a construção da imagem de Evita têm por objetivo narrar a complexidade dessa mulher, pois, como declara Teresa Rinaldi (2015) em *Eva Perón: el poder del deseo*, tanto o mito de sua figura pública quanto o de sua pessoa, foram em si mesmos o combustível que perpetuou sua permanência na memória nacional e internacional. Corroborar com esta perspectiva o historiador Serge Gruzinski (1994) em *La guerra de las imágenes*, quando destaca que assim como a palavra e a escrita, a imagem pode ser o veículo de todos os poderes e de todas as experiências, ainda que a seu próprio modo.

Segundo Andrés Avellaneda (2003) em *Recordando con ira: estrategias ideológicas y ficcionales argentinas a fin de siglo*, as décadas de quarenta e cinquenta, denotam a consolidação do caráter político, histórico e ideológico da literatura argentina, marcado pelo posicionamento "antiperonista" de Borges e um pacto de leitura que requer que se recupere sentidos ausentes no texto, mas presentes nos códigos dos leitores" (AVELLANEDA, 2003, p. 121). Nas décadas de sessenta e setenta, inicia-se uma proposta de revisão crítica do peronismo sem o

olhar repulsivo do passado e uma reelaboração da linguagem, dos sentidos e das Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



práticas relacionadas à essa revisão. Avellaneda (2003) ressalta que durante a ditadura de 1976 a 1983 produzir ficções significou, sobretudo, reconstruir sentidos perdidos compulsoriamente, instituindo um ambiente caracterizado por segredos e códigos de leitura que a reconstrução de sentidos perdidos obrigatoriamente, instituindo um ambiente caracterizado por segredos e códigos de leitura que convidam ao leitor implícito para que adivinhe: os sentidos ocultos, a armadilha persuasiva para promover o código ausente e falar em tempos de silêncio. Nos anos oitenta e noventa, a produção narrativa assume um caráter mais político e ideológico que se associa a produções que remetem à retomada da memória social argentina, tendo como elemento propulsor a construção de mitos. De acordo com Andrés Avellaneda (2003), nesse momento, a ficção histórica se apresenta como um campo de resistência em que, por meio da narrativa, permite regressar ao passado para falar do presente. Neste cenário, Evita se apresenta na literatura como um enigma que deve ser decifrado, um cadáver que ser encontrado e ressignificado.

Nesse ambiente, em que o fazer literário se apresenta como campo de questionamento e crítica político social, surge a figura de Evita que se converteu em um modelo possível para superar as discordâncias e contradições que surgiam entre crença e realidade no cenário das inquietantes mudanças sociais e culturais promovidas pelo peronismo, como ressalta Andrés Avellaneda (2002) em *Evita: cuerpo y cadáver de la literatura*. Em inúmeras ficções, seu cadáver se torna um mito literário que permeia a atmosfera política e aguerrida dos anos sessenta na Argentina. De acordo com María José Punte (2011) em *Los únicos privilegiados: rastros de las políticas sociales del primer peronismo en las obras de Osvaldo Soriano y Daniel Santoro*, a relação do peronismo com a literatura foi árdua em razão das desavenças entre o campo político e o intelectual. É possível, portanto, afirmar que, depois de morta, ou depois de realizada a obra “Evita”, ela passa a ser relida, reproduzida, passa a ser de domínio público. Os próprios meios de comunicação de massa a eternizaram, permitindo que sua imagem continue se propagando nas histórias da Nação Argentina. “Evita deixou de ser um produto de Juan Perón, ou do cabeleireiro que inventou seu penteado. Foi um produto de Eva Duarte e é,



ainda hoje, um produto de todos. Evita jamais descansará em paz” (JASINSKI, 2006, p.288).

Dentre as inúmeras obras literárias é possível destacar: o conto *El simulacro* (1956) de Jorge Luis Borges, onde Evita é a representação de um governo que iludia as massas, confirmando o posicionamento crítico e sarcástico de Jorge Luis Borges em relação ao governo peronista, sobre o qual declarava explicitamente muitas ressalvas. Nas palavras de Joaquín Márquez (2017) em *La perspectiva de Borges sobre el peronismo* Borges e seus pares da elite cultural viam o peronismo como a reencarnação da barbarie rosista e a versão grosseira e degradada do fascismo e nacionalismo europeu. O conto *Esa mujer* (1965) de Rodolfo Walsh, representando o jornalismo engajado que, por meio da literatura denunciou e questionou um segredo que não pode ser desvelado. A narrativa de Walsh dialoga com o contexto político argentino de repressão e explicita a construção de significados atribuídos à Evita, nas palavras de Letícia Malloy & André Pelinser (2016) em *Eva Perón: a mulher e o mito no conto Esa mujer de Rodolfo Walsh*. O romance histórico *Santa Evita* (1995) de Tomás Eloy Martínez, o qual recupera que o mito de Evita se alimentava tanto do que ela fez como do que poderia ter feito se não morresse tão jovem. Sua figura seguiu marcada pela fanática devoção a Perón e aos “cabecitas negras” como chamava os desvalidos sociais que tanto necessitavam dela. “Ela foi o Robin Hood dos anos 40” (MARTÍNEZ, 2004, p. 161). De acordo com Adriana Ortega Clímaco, em *Santa Evita: o cadáver no centro da narrativa*, Tomás Eloy Martínez, põe em cena o inegável: o destino de Eva Perón intimamente relacionado ao de seu país, Argentina. Narra-se, ou tenta-se narrar, o modo como esta relação foi criada, ou seja, como se construiu o mito de Evita, tendo seu cadáver como símbolo.

Em *Peronismo y cultura de izquierda*, Carlos Altamirano (2013) aponta que a ficcionalização do peronismo é muito frequente na literatura argentina, desde a década de cinquenta até os dias atuais, convertendo-se em uma prática narrativa que incorpora uma multiplicidade de vozes e ideologias que constroem discursivamente uma imagem de Evita e do peronismo e fazendo com que a figura de Eva Perón desperte paixões e repulsa na mesma medida. Com sua morte em 1952, observa-se a construção do processo de mitificação de seu corpo, que



começa no velório acompanhado por milhões de pessoas, segue com o embalsamento do cadáver e chega ao ápice com o desaparecimento do corpo quando militares invadem o edifício da CGT, onde estava guardado. O embalsamento do cadáver de Evita conseguiu preservar no imaginário coletivo um corpo belo e incólume à doença, constituindo-se como mito sob a presunção de que Evita seguia viva como estandarte do movimento peronista e símbolo de luta e resistência das classes populares, dos trabalhadores e das mulheres. Conforme Laura Ehrlich & Sandra Gayol (2018) em *Las vidas post mortem de Eva Perón: cuerpo, ausencia y biografías en las revistas de masas de Argentina*, nos anos setenta, as reconstruções históricas da vida de Evita se multiplicaram. A indústria cultural ressignificou sua imagem e converteu os aniversários de sua morte, relegados desde 1956 aos círculos militantes, em evento político e jornalístico de reconhecimento.

Assim como na literatura, no cinema se diversificaram as representações sobre Evita. Alan Parker, em *Evita* (1996), mostra-a como uma mulher superficial e egocêntrica. Juan Carlos Desanzo, em *Eva Perón: la verdadera historia* (1996), mostra uma perspectiva mais política, opondo-se a Parker. “Ainda que ambas as versões estejam em posições quase opostas com relação à estética, a visão política e a contundência do conteúdo, ambos os trabalhos, de um modo ou de outro conseguem representar essa Eva mítica seguida pelas massas” (RINALDI, 2015, p.11)⁵. Em 1997, estreia o documentário *Evita, La tumba sin paz* de Trintan Bauer que retrata seus últimos dias de vida e o itinerário macabro de seu cadáver embalsamado, reconstituindo cada momento com cenas históricas retiradas de arquivos nunca antes divulgados. O mistério que envolve esse episódio histórico começa a ser explicado com pistas encontradas em uma rigorosa investigação. O filme mostra as entrelinhas da história, o interesse político no cadáver e a influência dessa morte no próprio destino da Argentina.

Em 2011 é lançado o filme biográfico de animação *Eva en la Argentina* que enaltece o trabalho de Evita como defensora dos direitos dos trabalhadores e das mulheres, mostra sua infância e juventude em Los Toldos e reconstitui a

⁵Mientras que ambas versiones están en posiciones casi opuestas con respecto a la estética, la mirada política y la contundencia del contenido, ambos trabajos, de un modo o de otro logran representar esa Eva mítica seguida por las masas” (RINALDI, 2015, p.11).

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



investigação do jornalista e escritor Rodolfo Walsh, desaparecido em 1977. O filme está baseado em fatos reais, mas se trata de uma ficção porque o personagem de Walsh está composto por mim, assim como os textos. Em Walsh está a visão de minha geração sobre o peronismo, declara María Seoane em uma entrevista à EFE⁶ em 13 de outubro de 2011. No último ano do governo de Cristina Kirchner (2015), estreia o filme *Eva no duerme*, de Pablo Agüero, que trata do processo de embalsamento do corpo de Eva, do fato desse cadáver ter se tornado o centro de um confronto de poder por duas décadas até, finalmente, voltar de seu exílio europeu e ser enterrado na Argentina a seis metros de profundidade, confirmando que segue viva, na sociedade argentina, a representação de perigo político da figura da mulher a qual nem sua morte nem a repressão política posterior puderam apagar da memória coletiva da Argentina. Pablo Agüero ressalta que “Evita aparece no filme como um símbolo. Este corpo se converteu em um símbolo das classes populares e a reivindicação de igualdade de direitos nas classes populares” (AGÜERO, 2015, 0’53”)⁷.

Considerações finais

Considerando o tema norteador deste ensaio e a discussão levantada para conduzi-lo, é possível afirmar que Evita sobreviveu e sobrevive na memória dos argentinos por meio de distintas narrativas. Tanto Eva Duarte Perón como Evita, representam para a política da Argentina um ícone que surte efeito no povo argentino até os dias atuais. Evita foi adorada e odiada em níveis extremos, sendo considerada “santa” para alguns e “mito” para outros. Na perspectiva de Maurice Halbwachs (2003) a memória coletiva se baseia na identidade e legitimidade de um grupo e na lembrança histórica que gira em torno do evento fundador que rege essa recordação. Nesse sentido, compreendemos como o governo peronista fundou uma memória com a qual se identificaram diversos setores da sociedade, jogando para o esquecimento os acontecimentos anteriores e posteriores ao regime, pois

⁶A agência EFE é um serviço internacional de notícias criado em 1939 na Espanha. É a quarta maior agência de notícias do mundo, primeira em idioma espanhol e principal provedor de serviços informativos para os meios de comunicação nos países de língua espanhola.

⁷Evita aparece en la película como un símbolo. Este cuerpo se convirtió en un símbolo de las clases populares y la reivindicación de igualdad de derechos en las clases populares” (AGÜERO, 2015, 0’53”).

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



estavam dissociados de uma existência coletiva. Nas palavras de María Seoane e Víctor Santa María (2019),

Evita voltou mais de uma vez. Ela sobreviveu à sua morte, sobreviveu aos avatares do ódio, sobreviveu à memória dos argentinos e dos cidadãos do mundo. Tomaram-na como bandeira os trabalhadores, os sindicatos, os jovens da década de setenta, mas também os escritores, os jornalistas, os intelectuais e artistas a abraçaram, a analisaram, a defenderam, mas todos sem exceção a imortalizaram em textos, monumentos, obras de teatro, filmes, livros, canções e poemas. (SEOANE & SANTA MARÍA, 2019, p. 170)⁸.

Embora tenha sofrido com a doença que a acometeu, por sua morte prematura, Eva permanece única, como uma luz que não se apaga, um presente constante marcado pela imagem que sua morte consolidou, da militante bastarda, apaixonada pelos deserdados e pela justiça social. Eva foi um grande personagem da história argentina e deixou sua presença gravada para sempre, ela se uniu aos pobres, aos trabalhadores, as mulheres e toda sorte de indivíduos socialmente desvalorizados para constituir seu poder político, sua imagem mítica e promover a mudança social e política demandada pelas massas. Evita se estabeleceu como mito na Argentina, tanto em vida quanto após sua morte. Seu corpo simboliza não só um campo de conflitos e debates ideológicos, sociais, políticos e intelectuais, mas também uma bandeira de lutas por reconhecimento de classe, gênero, direitos trabalhistas e amparo social. Como primeira-dama, foi protagonista de uma trajetória que deixou marcas significativas tanto em âmbito político quanto social, pois conseguiu agregar-se às classes populares e alcançar notoriedade e magnitude no imaginário popular argentino e converter-se em figura politicamente estratégica.

Considerando a identificação das massas com a figura de Evita, recorro a Halbwachs (2003) ao ponderar que a memória coletiva é o lugar de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço. Para o autor a identidade coletiva antecede a memória, determinando seu conteúdo e

⁸Evita volvió una y otra vez. Ella sobrevivió a su muerte, sobrevivió a los avatares del odio, sobrevivió en la memoria de los argentinos y de los ciudadanos del mundo. La tomaron como bandera los obreros, los sindicatos, los jóvenes del setenta, pero también los escritores, periodistas, intelectuales y artistas la abrazaron, la analizaron, la defendieron, pero todos sin excepción la inmortalizaron en textos, monumentos, obras de teatro, películas, libros, canciones y poemas. (SEOANE & SANTA MARÍA, 2019, p. 170).

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.



considerando a estabilidade e coerência desta identidade. Halbwachs (2003) aponta que é o indivíduo que recorda, destacando que o faz enquanto membro de um determinado grupo social. Em outras palavras, é a partir das relações sociais que as pessoas constroem as suas memórias e é também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias.

As reflexões de Halbwachs (2003) enfatizam que todos os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu próprio passado coletivo e que essa memória é indissociável da manutenção de um sentimento de identidade, que permite identificar o grupo e distingui-lo dos demais. As memórias persistem porque fazem parte de um conjunto de valores e significados comuns a todos os membros do grupo, à medida que o imaginário que cada um tem do passado está submetido a padrões coletivos. Para Maurice Halbwachs (2003), a memória é um movimento constante e preserva o que ainda está vivo na consciência coletiva, fazendo da história uma ponte entre o passado e o presente, na tentativa de restabelecer a continuidade interrompida em algum momento. Desse modo, podemos entender que a lembrança se respalda social e historicamente, reconstruindo eventos pretéritos a partir de elementos que existem no presente. Susana Rosano (2006) confirma a consolidação da imagem de Evita como parte indissociável da história e do imaginário argentino, logo é possível afirmar que o corpo de Evita, vivo ou morto, ultrapassou os mecanismos de controle de Estado peronista. Ela conseguiu fundir-se às massas e adquirir o status de mito no imaginário popular argentino.

Referências

AGÜERO, P. *Eva no duerme*, 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/nMZ2EKLTDaM>> . Acesso em: 31 de agosto de 2018.

ALTAMIRANO, C. *Peronismo y cultura de izquierda*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

AVELLANEDA, A. Recordando con ira: estrategias ideológicas y ficcionales argentinas a *fin de siglo*. *Revista Iberoamericana*, vol. LXIX, nº 202, Enero-Marzo, p. 119-135, 2003.

AVELLANEDA, A. Evita: cuerpo y cadáver de la literatura. In: NAVARRO, Marysa. *Mitos y representaciones*. Fondo de Cultura Económica, Argentina, p. 101 - 141, 2002.

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar a ferramenta específica do Word for Windows.

www.xicongressohispanistas.com.br
contato@xicongressohispanistas.com.br



BIANCHI, S. Las mujeres en el peronismo (Argentina, 1945 – 1955). In: Duby, Georges & Perrot, Michelle. *Historia de las mujeres en Occidente 5*. Taurus Minor, Santillana, Madrid, p. 763 – 774, 1993.

CLÍMACO, A. O. Santa Evita: o cadáver no centro da narrativa. *EntreCaminos*, v.1, jul/dez, p. 1328, 2015.

EFE. *Eva Perón se transforma en un personaje de dibujos animados*, 2011. LA TERCERA. Disponível em: <<http://www2.latercera.com/noticia/eva-peron-se-transforma-en-un-personaje-de-dibujos-animados/>>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

EHRlich, L.; GAYOL, S. Las vidas post mortem de Eva Perón: cuerpo, ausencia y biografías en las revistas de masas de Argentina. *Historia Crítica*, n° 70, 2018, p. 111-131. Disponível em: <<https://doi.org/10.7440/histcrit70.2018.06>>. Acesso em: 29 de março de 2020.

GRUZINSKI, S. *La guerra de las imágenes: de Cristóbal Colón a “Blade Runner” (1492-2019)*. Trad. de Juan José Utrilla, México: FCE, 1994.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

JASINSKI, I. Santa Evita: uma vida como espetáculo. *Literatura Hispano-Americana*, v. III, p. 282 – 289, 2006.

MALLOY, L.; PELINSER, A. T. Eva Perón: a mulher e o mito no conto “Esa mujer” de Rodolfo Walsh. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v.41, n°72, set./dez., p. 89-96, 2016.

MARTÍNEZ, T. E. *Santa Evita*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Planeta De Agostini, 2004.

MÁRQUEZ, J. La perspectiva de Borges sobre el peronismo. *Estudios de Teoría Literaria Revista Digital: artes, letras y humanidades*, año 6, n°11, p. 237-250, marzo 2017.

PANELLA, C. Una aproximación a la enseñanza secundaria durante los primeros gobiernos peronistas (1946-1955). *Anuario del Instituto de Historia de Argentina*, n° 3, p. 139-157, 2003.

PUNTE, M. J. Los únicos privilegiados: rastros de las políticas sociales del primer peronismo en las obras de Osvaldo Soriano y Daniel Santoro. *Imagonautas*, n°1, p. 4 – 26, 2011.

RINALDI, T. Eva Perón: el poder del deseo. *Nuevo Itinerario Revista Digital de Filosofía*, v. 10, n. X, Resistencia, Chaco, Argentina, p. 1-19, 2015.



ROOLE, C. Reseña sobre Susana Rosano, *Rostros y máscaras de Eva Perón. Imaginario populista y representación*. *Orbis Tertius*, n.13, Año XII, 2007, p. 1-3. Acesso em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.467/pr.467.pdf>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

ROSANO, S. *Rostros y máscaras de Eva Perón. Imaginario populista y representación*. Rosario, Beatriz Viterbo, Colección Ensayos críticos, 2006.

SARLO, B. *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte UFMG, 2005.

SEBRELI, J. J. *Comediantes y mártires*. 3ªed. – Buenos Aires: Debate, 2009.

SEOANE, M.; SANTA MARÍA, V. *Eva Perón, esa mujer*. Editorial Octubre, 2019.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. *Halbwachs: memória coletiva e experiência*. *Psicologia*, USP, São Paulo, nº4, p. 285-298, 1993.

